



Clebson Assis da Silva



Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)

assis2008ap@hotmail.com

Suzana Feldens Schwertner



Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)

suzifs@univates.br

Elizangela Mara Zanelatto



Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)

elisangela.zanelatto@universo.univates.br

GRUPOS FOCAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

RESUMO

A técnica de grupo focal mostra-se presente em diferentes investigações, tornando-se mais relevante, atualmente, nas pesquisas em Educação. O presente artigo inicia apresentando uma revisão bibliográfica, reconhecendo os procedimentos, contextos, limitações e possibilidades do uso da técnica do grupo focal em pesquisas qualitativas. Em seguida, discute a utilização do grupo focal por meio de um estudo desenvolvido entre 2014 e 2017, que investigou as funções da escola na contemporaneidade pelo olhar dos estudantes. A técnica mostra-se um relevante instrumento metodológico na pesquisa em educação, proporcionando a produção de dados qualitativos por meio da aproximação e interação entre pesquisadores e participantes.

Palavras-chave: Grupo focal. Pesquisa qualitativa. Estudantes. Educação.

FOCAL GROUPS: CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN QUALITATIVE RESEARCH IN EDUCATION

ABSTRACT

The focal group technique is present in different investigations, becoming more relevant, currently, in the researches in Education. This article begins by presenting a bibliographic review, recognizing the procedures, contexts, limitations and possibilities of the use of focal group technique in qualitative research. It then discusses the use of the focus group through a study developed between 2014 and 2017, which investigated the functions of the school in the contemporary world by the students' gaze. The technique is a relevant methodological instrument in research in education, providing the production of qualitative data through the approximation and interaction between researchers and participants.

Keywords: Focal group. Qualitative research. Students. Education.

Submetido em: 27/12/2018

Aceito em: 20/04/2019

Ahead of print em: 21/07/2019

Publicado em: 31/08/2019



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n24p1-13>



I INTRODUÇÃO

O presente artigo busca refletir sobre a técnica de grupo focal nas pesquisas qualitativas em educação. O trabalho se apresenta dividido em dois momentos: um primeiro, que se baseia em uma revisão bibliográfica, destacando os elementos da técnica de grupo focal. Nesse caso, foi possível constatar que há uma limitada produção escrita em português, uma vez que a maioria das indicações e artigos encontrados apresenta-se em inglês. Em um segundo momento, apresenta-se uma pesquisa desenvolvida por meio de um grupo focal, detalhando o passo-a-passo do trabalho realizado.

Atualmente, torna-se cada vez mais comum encontrar trabalhos científicos que abordem a utilização da técnica de produção de dados identificada como grupo focal, que se mostra presente em diferentes linhas de investigações, ampliando-se para pesquisas em Educação, Sociologia, para além de áreas tradicionais como Marketing e Saúde.

O interesse na busca por compreensões sobre grupo focal iniciou-se pelas investigações realizadas pelo grupo de estudos Juventude Imagem e Educação (JImE/CNPq), vinculado ao Mestrado em Ensino da UNIVATES, que motivou a conhecer a origem, os procedimentos e relevância dessa estratégia para a produção de dados junto aos investigados.

Para tal, formulou-se, como problema para esta produção escrita, a interrogação pautada em compreender o que é grupo focal e quais as contribuições e comprometimentos presentes no emprego dessa técnica para a produção de dados. Em seguida, definiu-se como objetivo identificar como se caracteriza esse método e compreender as possibilidades e desafios da utilização desta produção de dados. Autores como Barbour (2009), Gatti (2005), Ribeiro e Milan (2004), Malhotra (2006) e Dal'igna (2012) foram estudados para abordar o tema proposto.

O artigo apresenta discussões iniciais sobre a origem e abrangência do uso de grupos focais como procedimento metodológico e segue interpelando acerca de abordagens conceituais e características no emprego desta técnica. Exemplifica a técnica por meio de uma investigação realizada entre 2014 e 2017 e encerra com conclusões sobre a relevância dessa técnica para o desenvolvimento de investigações científicas na área do Ensino e Educação.

2 CAMINHOS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO EMPREGO DA TÉCNICA DE GRUPOS FOCALIS

A prática da pesquisa apresenta como característica principal a busca em compreender, explicar e solucionar problemas. Dessa maneira, o homem, com sua necessidade de conhecer a natureza das coisas

e o mundo do qual faz parte, racionalizou e estruturou técnicas para a realização de suas investigações, dotando-as, ao longo do tempo, de procedimentos sistematizados que as tornaram prática científica.

Essas primeiras compreensões sobre a pesquisa, como prática humana estruturada para encontrar respostas são defendidas por Gil (2007, p. 17) quando conceitua a investigação como “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Esse processo de descoberta apresenta sua origem na filosofia, que por meio do desejo pela verdade questionava o homem e o resultado de sua relação com a vida; a morte e o mundo ao seu redor, que mais tarde passou a romper com ideologias pautadas no misticismo.

Ao longo dos anos, esse processo de busca de conhecimentos passou a ser sistematizado e agregou técnicas e procedimentos que possibilitaram, por meio de uma lógica, problematizar, observar, experienciar e encontrar respostas ao que se investiga, tendo seus resultados como aceitos por apresentar e obedecer a uma estrutura científica. Foi por meio das contribuições de pensadores dos séculos XVI e XVII que a ciência se estruturou ao que conhecemos hoje como ciência moderna.

A pesquisa científica, no transcorrer da sua história, foi constituindo-se por meio de procedimentos e técnicas desenvolvidas por vários pesquisadores que contribuíram para a estruturação e cientificidade do processo de pesquisar. O autor Chizzotti (2003), ao abordar a evolução e os desafios sobre a pesquisa científica, aponta como principais representantes e estruturadores da prática da pesquisa como técnica científica Roger Bacon (1220 - 1292), Francis Bacon (1561 - 1626), René Descartes (1596 - 1650) e Augusto Comte (1798 - 1857).

Definida a compreensão acerca de método científico por meio das contribuições dos autores cronologicamente citados, Chizzotti (2003) aponta que a partir dos séculos XIX e XX as abordagens científicas deixaram de ser questionadas e passaram a ser reconhecidas como meio para se produzir novos conhecimentos.

Considerando as descrições de Gil (2009), o emprego da técnica de grupo focal teve suas primeiras manifestações práticas por meados da década de 1920, quando por meio de enquetes, procurava-se saber a opinião pública. Mais tarde, foi aplicada, entre as décadas de 1940 e 1970, em pesquisas de Marketing e, desde a década de 1980 até hoje, vem sendo praticada por pesquisadores das áreas da Educação, Saúde, avaliação de programas e outras.

A essa técnica utilizada para a obtenção de dados, vale considerar o conceito apresentado por alguns autores, dentre estes Bardin (2009), que a define como uma técnica de pesquisa caracterizada pela realização de entrevistas grupais e objetiva a produção de informações por meio das interações promovidas junto a grupos compostos por diferentes participantes, que de certa maneira, apresentam alguma relação entre si.

Diante do exposto, Gatti (2005) contribui para a concepção de grupo focal descrevendo-o como uma prática que se baseia na realização de entrevistas grupais, mas que se diferencia de uma entrevista coletiva; especialmente, pela necessidade de estímulo do mediador para constância das interações e discussões entre os participantes. Além do mais, há um rigoroso cuidado com a permanência do foco na abordagem sugerida como tema da entrevista comunicativa: daí o termo grupo focal.

A conceituação dessa técnica é entendida por Gomes, Teles e Robalo (2009) como um potente processo de coleta de dados, já que permite a obtenção de detalhes que só podem ser obtidos diretamente das falas de um grupo, que relata suas experiências e percepções em torno de um tema de interesse coletivo. Ao disposto pelos autores, entende-se o emprego do grupo focal como necessário em investigações que requerem dados mais específicos e minuciosos para o encontro de respostas sobre o objetivo pesquisado.

Baseando-se na compreensão de que grupo focal se caracteriza como uma técnica de identificação de dados, torna-se relevante considerar as ideias de Gomes (2005), que a descreve como um processo que propõe a reunião de um conjunto de pessoas previamente selecionadas, tomando como critério as diferentes opiniões sobre o tema proposto para as discussões.

Ainda com o propósito de esclarecer com mais detalhes esta técnica de coleta de dados, somos incentivados a dar atenção ao raciocínio de Zanon (2013), quando explica sobre o grupo focal, detalhando a formação deste por um conjunto restrito de sujeitos que, de alguma maneira, precisam estabelecer um tipo de ligação entre si, para então ser possível atender aos procedimentos e objetivos da realização da técnica. De acordo com o apresentado pela autora, entende-se que a técnica de grupo focal precisa, em seu bojo aplicativo, atender a procedimentos necessários para a obtenção de resultados. No entanto para isso, torna-se imprescindível a apropriação de características que descrevam de maneira clara os procedimentos a serem tomados na aplicação dessa técnica.

Para a utilização da técnica de grupo focal, é imprescindível a compreensão das características necessárias sobre esta, tornando-se possível, com isso, contemplar de maneira produtiva os resultados das investigações onde essa técnica for empregada.

Na realização de uma pesquisa onde se intenciona a aplicação da técnica de coleta de dados com grupos focais, faz-se necessário atentar para a compreensão de características que a mesma apresenta, pois, tendo-se propriedade acerca destas, torna-se possível a realização dos procedimentos necessários para alcançar êxito nos resultados esperados.

Salienta-se que seu emprego está articulado a abordagens investigativas de cunho qualitativo. Para Paraíso e Meyer (2012), o objetivo de tais abordagens é a busca pela compreensão sobre a realidade social das pessoas, grupos e culturas e, em meio a isto, exploram-se comportamentos e experiências desses grupos. Faz-se relevante compreender este tipo de pesquisa atentando para o que descreve Malhotra

(2006, p. 156): “[...] é uma metodologia de pesquisa não estruturada e exploratória baseada em pequenas amostras que proporciona percepções e compreensões do contexto do problema”.

No processo de reconhecimento das características acerca da técnica de grupo focal, Barbour (2009) considera importante para o pesquisador ter conhecimento destas, especificamente no que concerne a sua necessidade de envolvimento entre os participantes para que as discussões possam fluir intensamente; descreve também enquanto característica relevante a possibilidade das constantes e sistemáticas reuniões e encontros em grupo.

Para a caracterização do grupo focal, se faz necessária a reunião em média, de oito a doze integrantes. Uma vez reduzida essa quantidade de participantes, corre-se o risco das discussões estabelecidas nos encontros, não apresentarem resultados significativos, assim como uma grande quantidade desses participantes (grupo constituído por mais de 13 pessoas) pode implicar em não atender à natureza e profundidade do debate intencionado para a produção de dados (MALHOTRA, 2006).

Ao abordar sobre a aplicação desta técnica, Ribeiro e Milan (2004) descrevem alguns elementos fundamentais. Entre eles, destaca-se o planejamento do processo para a seleção coerente dos entrevistados, que deve considerar os seguintes critérios: a organização dos horários, evitando com isto atrasos ou outros desencontros que possam comprometer o emprego da técnica; a estruturação de ambientes agradáveis e confortáveis, que promovam uma atmosfera de descontração para facilitar a interação entre os entrevistados; a elaboração do roteiro das entrevistas, que precisa estar alinhado com os objetivos da pesquisa, e, por último, os instrumentos utilizados para um melhor registro das entrevistas, como os equipamentos de gravação de áudio e vídeo.

Continuando com as indicações de Ribeiro e Milan (2004, p. 21-22), ao reportarem-se sobre o planejamento adequado para a coleta de dados junto a grupos focais, este possibilita a emergência de muitas informações que precisam ser analisadas com certa qualidade, como asseveram os mesmos autores: “essas etapas devem ser realizadas com rigor científico e merecem a máxima atenção da parte do pesquisador. Vencidas essas etapas, uma análise criteriosa irá gerar as conclusões pertinentes ao trabalho de pesquisa, as quais poderão direcionar alguma tomada de decisão”.

Torna-se evidente que, para a aplicação de entrevistas por meio da técnica de grupos focais, é necessário ir além do conhecimento de bases conceituais. Assim, torna-se imprescindível a compreensão de suas diferentes características, pois conhecê-las permitirá ao pesquisador uma melhor condução do processo, possibilitando, dessa maneira, uma eficiente coleta e, conseqüentemente, uma coerente análise dos dados obtidos junto aos grupos investigados.

Nesse sentido, o trabalho com a técnica de obtenção de informações por meio de grupo focal apresenta-se como um eficiente instrumento para conseguir dados quando levadas em consideração suas características. Um fato negativo acerca da prática de entrevistas em grupo focal ocorre, por se tratar de

relações diretas entre humanos, no processo de suas análises, facilmente sujeitas a interpretações tendenciosas, pois a formação de opiniões entre os participantes torna-se passível de serem equivocadamente interpretadas. Entende-se com tais questões que além de possibilidades, a técnica de coleta de dados junto a grupos focais também apresenta desafios que podem comprometer esse processo.

Cabe aqui, em meio à busca das possibilidades apresentadas na aplicação da técnica de grupo focal, listá-las de acordo com o descrito por alguns autores como Nicaretta (2013), ao destacar a riqueza e forte flexibilidade no processo de coleta de dados. A autora esclarece ainda sobre a relação entre os participantes: cria-se um clima de espontaneidade, enriquecendo a externalização dos dados durante as entrevistas. A autora alinha também que tal procedimento, se aplicado junto a um único indivíduo, não apresentaria tal riqueza na produção de dados.

A técnica de trabalho com grupo focal, de acordo com Nicaretta (2013), traz aos pesquisadores a chance de compreender as explicações e considerações dos entrevistados acerca dos temas discutidos nos encontros em grupo. Concordando com essa ideia, Malhotra (2006) agrega esse entendimento, quando esclarece a facilidade que o pesquisador tem na obtenção de informações precisamente direcionadas sobre o tema proposto para as discussões.

Em consulta a produções escritas acerca da técnica do trabalho com grupo focal, foi possível identificar a utilização desta ferramenta sugerindo a realização de uma prática de investigação qualitativa com uma menor destinação de recursos. Gatti (2005) indica que, no trabalho com grupos focais, há muitos pontos positivos: a praticidade do processo pelo ganho de tempo, qualidade e quantidade na obtenção de informações junto aos participantes e uso de pouco recurso financeiro para realizar os procedimentos inerentes à referida técnica.

Prosseguindo com a variada lista de possibilidades acerca da utilização da técnica de grupo focal em pesquisas, Dal'Igna (2012) apresenta algumas contribuições relevantes que corroboram com essa proposta, sugerindo que esse tipo de produção de dados evidencia com mais clareza o ponto de vista das pessoas participantes. A autora ressalta os valores sobre grupo focal, pela possibilidade de observação que o pesquisador tem de acompanhar como os participantes lidam com determinadas situações tidas como foco das discussões no grupo, além de inseri-lo no campo das análises de situações, imagens e ações que potencializam e enriquecem o entendimento dos dados produzidos.

Tratando-se de pesquisa do tipo qualitativa, Gil (2009) compreende a técnica de grupo focal como eficiente procedimento para obtenção de dados, pois traz à tona, em sua dinâmica, questões complexas desprovidas de interferências dos pesquisadores. Entende-se que os participantes encontram liberdade para expressar e discutir sobre suas respostas, concordando ou discordando entre si.

Analisando as abordagens de Malhotra (2006), existem muitas vantagens no emprego da técnica da coleta de dados junto a grupos focais, como a produção de ideias em conjunto assim como um maior

número de informações a serem obtidas. Outro ponto exposto nas asserções do referido autor são as provocações que vão surgindo, em decorrência dos comentários que se manifestam entre os participantes, estimulando a expressão das linhas de raciocínio, bem como sentimentos imbuídos nas respostas que se apresentam durante os encontros.

Para Weller (2006), outro elemento a considerar no trabalho com grupos focais é a inserção do pesquisador, que se aproxima com mais propriedade das temáticas propostas em meio às discussões produzidas pelos sujeitos do grupo. Os pesquisadores e seus instrumentos de produção de dados (gravadores, anotações, filmadoras) não são mais considerados “intrusos” e passam, segundo o autor (idem, p. 250), a participar como “[...] uma espécie de ouvinte” no debate que se estabelece.

Conforme Veiga e Gondim (2001, p. 09), um dos aspectos mais interessantes do trabalho com grupo focal acontece por meio da interação entre os participantes. Privilegia-se o contexto das pessoas e suas articulações por meio do grupo:

[...] a premissa básica dos grupos de discussão é a de que as pessoas formam as suas opiniões e percepções nos processos interativos em que se engajam, sendo mutuamente influenciadas pelo jogo de forças que vai se constituindo nas relações interpessoais, intra e intergrupais.

Após identificar as possibilidades de trabalho na realização de pesquisas com grupos focais, objetiva-se agora reconhecer o que se encontra acerca dos desafios no emprego dessa técnica de coleta de dados. Para tal, recorre-se a Malhotra (2006), que inicia suas considerações expondo o quanto se torna difícil a análise da grande quantidade de material coletado nas entrevistas realizadas com estes grupos.

O mesmo autor ainda destaca a dificuldade em transformar os dados, que emergiram durante o processo focal, em conhecimentos, haja vista a dificuldade, o esforço e dedicação necessários para compreender as diferentes realidades empregadas nas respostas desenvolvidas pelos entrevistados. Outra questão considerada relevante, na concepção de Barbour (2009), é a de que, em grupo, os integrantes possam responder às perguntas influenciados pelas respostas de outros participantes.

Sobre situações que podem dificultar o trabalho com grupos focais, estas se relacionam com as fortes chances de interpretações tendenciosas, concluídas pela interpretação do pesquisador, que podem induzir a conclusões incoerentes, acerca dos dados obtidos. Outra circunstância negativa é a condição e definição das respostas obtidas como uma fonte exclusiva de dados, limitando a um resultado único, sem relação com outras fontes para dialogarem entre si (BARBOUR, 2009).

Fica evidente que o uso da técnica de grupos focais apresenta em seu bojo prático alguns direcionamentos e possibilidades que contribuem para o levantamento de informações, no entanto tais procedimentos também apresentam dificuldades que comprometem a obtenção dessas respostas, assim como a análise das mesmas.

Na próxima seção do artigo, apresentaremos uma experiência investigativa por meio do emprego da técnica de grupo focal em uma pesquisa realizada pelo grupo de estudos Juventude Imagens e Educação - JImE (CNPq), vinculado ao Mestrado em Ensino da Universidade Vale do Taquari - UNIVATES.

3 GRUPO FOCAL: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA

Apresenta-se, a seguir, a experiência de grupo focal no desenvolvimento da pesquisa: “A escola e as novas configurações da contemporaneidade: a voz de estudantes concluintes do Ensino Médio e Fundamental” (MCTI/CNPq/Universal 14/2014), vinculada ao Mestrado em Ensino de uma universidade do RS. Este estudo foi desenvolvido entre 2014 e 2017, em duas escolas do Vale do Taquari (RS) e envolveu a participação de 130 estudantes, sendo 70 do Ensino Médio e 60 do Ensino Fundamental. A pesquisa foi estruturada metodologicamente em quatro momentos de grupo focal (SCHWERTNER, 2019): no primeiro e no segundo deles, os estudantes discutiram sobre as funções da escola na atualidade e sobre a organização dos saberes nessa instituição. No terceiro e quarto encontros, os estudantes produziram imagens sobre os sentidos da escola em suas vidas, acompanhadas de uma discussão coletiva por meio das fotografias, compondo uma foto elicitação (BANKS, 2001; 2009). Para o presente artigo, exploraremos apenas a organização dos dois primeiros encontros de grupo focal, delineando sua organização e desenvolvimento, pois esses primeiros encontros apresentam elementos importantes da técnica que serão aqui analisados, por meio do referencial discutido anteriormente.

A escolha do grupo focal como recurso metodológico surgiu na tentativa de proporcionar um espaço coletivo de diálogo e troca de ideias entre os estudantes, impulsionados a partir da inquietação maior: “Qual a função da escola na contemporaneidade?”. A partir desse foco de investigação, os participantes puderam refletir em conjunto sobre o papel da escola, o modo como ela organiza os saberes e os sentidos de aprender e ensinar nesta instituição.

Recomenda-se um planejamento rigoroso para o desenvolvimento de grupos focais como técnica de investigação (KINALSKI et al., 2017). Para os encontros, as pesquisadoras (que participaram em duplas) organizaram previamente o local, e no tocante a isto, faz-se necessário destacar que todos os grupos focais foram realizados em salas disponíveis das escolas parceiras, sendo explorados vários espaços, como: sala de aula, auditório, biblioteca, sala de reuniões e laboratório de química. Observou-se que a ideia dos encontros terem acontecido em vários lugares da escola possibilitou aos alunos explorar esses ambientes, uma vez que eles acabam passando a maior parte do tempo em uma mesma sala de aula.

Da mesma forma, foram preparados os demais materiais necessários, tais como: gravadores; blocos para anotações de frases e pontos importantes, para auxiliar no momento de transcrição e análise dos dados. Realizou-se, também, em cada encontro, a apresentação dos estudantes e, nesse momento,

o registro de espelho do círculo dos participantes foi organizado, buscando descrever a disposição dos estudantes para auxiliar no momento da transcrição do encontro. Ressalta-se que esses cuidados na organização mostraram-se de grande relevância, uma vez que transcrever os relatos do grupo exige atenção e escuta sensível para manter a fidedignidade das falas com seus respectivos narradores e apontar para as interações produzidas no momento do grupo focal, lembrando que essa técnica, mais do que interessar-se pelos conteúdos do que se diz, leva em consideração as provocações entre os participantes; as concordâncias e discordâncias que o debate em grupo gera (MENDONÇA; GOMES, 2017; GATTI, 2005).

Após a organização e apresentação dos participantes, as pesquisadoras realizaram uma breve explanação da pesquisa, destacando seus objetivos e metodologia. Nesse momento foram recolhidos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelos responsáveis e também os Termos de Assentimento, assinados pelos próprios estudantes.

A seguir, pode-se observar um quadro organizado para acompanhar os passos fundamentais nesse processo de realização do grupo focal, mais especificamente em relação aos dois primeiros encontros:

Quadro 1 – Pistas para a realização do grupo focal

	Foco - Pergunta orientadora	Objetivo	Organização	Material
1º encontro	Quais as funções da escola hoje?	Compreender como os alunos enxergam a escola na atualidade	Apresentação breve da pesquisa e das pesquisadoras; Coleta dos TCLEs assinados pelos responsáveis; Entrega e assinatura dos Termos de Assentimento.	Gravadores; Folhas de ofício; Canetas; Diário de Campo.
2º encontro	Como vocês entendem a organização que a escola faz dos conhecimentos e dos saberes?	Compreender como os alunos entendem a organização dos saberes que a escola produz. Verificar se percebem prevalência de determinadas disciplinas.	Lançar as questões para discussão. Perceber a interação entre todos, incentivar a participação.	Gravadores (importante sempre conferir baterias); Folhas de ofício; Canetas; Diário de Campo;

Fonte: Schwertner e Munhoz (2017).

O primeiro encontro permitiu conhecer um pouco da trajetória dos estudantes, visto que na apresentação eles mencionaram aspectos do contexto atual de suas vidas. Logo após, foram convidados a pensar sobre a seguinte pergunta: “Quais as funções da escola hoje?”, buscando compreender como eles enxergam e percebem a escola na atualidade. No decorrer deste encontro, os estudantes foram estimulados a pensar na escola de um modo geral, não limitando o debate para o contexto individual, de sua escola, mas lançando um olhar amplo para a instituição escolar.

Para o segundo encontro, a pergunta disparadora do debate: “Como vocês entendem a organização que a escola faz dos conhecimentos e dos saberes?”, provocou os estudantes a refletir sobre a maneira como estão estruturados os saberes, as disciplinas e conteúdos que são estudados ao longo dos anos, na escola básica. Na esteira dessa discussão, foi possível analisar que algumas áreas de conhecimento parecem prevalecer na organização do currículo, tais como Português e Matemática. Assim, os estudantes, ao longo do debate, também foram incentivados a pensar sobre que outros elementos estão na escola ou que poderiam estar. Ressaltaram a importância das atividades em espaços além da sala de aula, assim como as disciplinas ligadas à arte e expressão corporal para a construção de conhecimentos e também de relacionamento interpessoal. De maneira geral, os estudantes se apropriaram da discussão, coletivizando suas ideias, sendo provocados por outros participantes do grupo e pensando em conjunto a partir das impressões de outros colegas (XXX)

Em vista disso, acredita-se que trabalhar com grupo focal é estar disponível a desafios e vislumbrar outras possibilidades criativas de ensino e de aprendizagem, além do objetivo de produção de dados, mostrando-se um verdadeiro encontro com os estudantes e as pesquisadoras. Nessa perspectiva, destaca-se que em um dos encontros a disponibilidade para a escuta das pesquisadoras foi muito importante, visto que em meio ao contexto vivenciado na data da realização do encontro, no ano de 2016, relacionado ao movimento “Ocupa” de algumas escolas públicas, o grupo de participantes por várias vezes solicitou a importância de conversar sobre o assunto. Os estudantes ressaltaram que gostariam de falar sobre esse tema, pois para eles estava muito vinculado com o fato de pensar as funções da escola na atualidade, visto que compreendiam a necessidade de melhores condições para os professores, para a escola e também a urgência de um olhar atento para a educação brasileira.

Tendo em vista a importância da flexibilidade para a escuta de demandas que emergem durante o encontro, em alguns momentos as pesquisadoras vivenciaram os desafios de equilibrar o debate, acolhendo as necessidades da fala dessas temáticas, como a citada anteriormente, e retornar ao tópico específico, foco gerador da discussão do encontro. Mais uma vez, nota-se a relevância do planejamento e da organização prévia do encontro, de modo a manter a coesão com os objetivos da pesquisa. Acredita-se que o planejamento das pesquisadoras auxiliou nesse momento, ou seja, o estudo do desenvolvimento de um grupo focal, a clareza quanto aos objetivos e definição dos papéis foram fundamentais para o desenvolvimento dos encontros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar uma técnica de produção de dados por meio de uma experiência com grupo focal, em uma pesquisa realizada no interior do Rio Grande Sul, com estudantes

de Ensino Médio e Fundamental, entre 2014 e 2017. Trata-se de uma técnica que vem se ampliando nas pesquisas em Educação e apresenta desafios que exigem estudos e cuidados dos pesquisadores para seu desenvolvimento.

Nesse sentido, nota-se que o grupo focal mostrou-se um relevante método de pesquisa, de modo especial, pela flexibilidade que apresenta, pois permite um clima harmonioso e motivador entre entrevistador e entrevistados. Observou-se, também, que pelas relações estabelecidas nesse processo, houve uma grande produção de ideias, que ocorre pelo envolvimento entre os participantes. Por meio das discussões e interações, foi possível a construção de um espaço de diálogo e trocas acerca das concepções da escola na contemporaneidade.

Assim, a experiência por meio dessa técnica possibilitou momentos de problematização e a oportunidade de falar sobre o lugar em que estes estudantes habitam, podendo manifestar também seu posicionamento sobre o modo como a escola organiza os saberes. Logo, pode-se pensar que os encontros por meio de grupo focal ultrapassaram a ideia inicial de um momento para apenas produzir dados ao estudo, mostrando-se potente espaço de discussão coletiva acerca da escola contemporânea, bem como sobre os sentidos e possibilidades de ser estudante na atualidade.

Constatou-se, ainda, que a utilização de grupo focal exigiu das pesquisadoras um preparo que vai além de conhecimentos acerca dos processos necessários para sua execução. Solicitando, assim, flexibilidade, agilidade e habilidades criativas para estabelecer estratégias que direcionassem as situações, para não fugir do foco sugerido na investigação, sem deixar de acolher assuntos emergentes que também fizeram parte deste momento.

Conclui-se que a técnica mostra-se um relevante instrumento metodológico na pesquisa em educação, proporcionando a produção de dados qualitativos por meio da aproximação e interação entre pesquisadores e participantes.

REFERÊNCIAS

BANKS, Marcus. **Dados visuais para a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BANKS, Marcus. **Visual methods in social research**. London: Sage, 2001.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CAMPOS, Claudinei José Gomes; TURATO, Egberto Ribeiro., **Análise de conteúdo em pesquisa que utilizam metodologia clínica-qualitativa: aplicação e perspectivas**. Ver. Latino de Enfermagem v.17, n.2, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Vol. 16, Nº 002. Universidade do Minho, Braga, Portugal. 2003.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann. PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 195- 217.

GATTI, Bernadete. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber livro, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso: Fundamentação Científica**. Subsídios para coleta e análise de dados. Como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Sandra Regina. **Grupo Focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional**. Cadernos de Pós-Graduação. São Paulo, v. 4, Educação, p. 39-45, 2005.

GOMES, Vera Lúcia Oliveira; TELLES, Katia. Silva; ROBALLO, Emerson. Cioceta. **Grupo focal e discurso do sujeito coletivo: produção de conhecimento em saúde de adolescentes**. Esc Anna Nery Rev Enferm, v. 13, n. 4, p. 856-62, 2009.

Investigación Cualitativa en Educación, Volume 1, 2017. Disponível em:

<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/628/617>. Acesso: 13 abr. 2019.

KINALSKI, Daniela Dal Forno; PAULA, Cristiane Cardoso de; PADOIN, Stella Maris de Mello; NEVES, Eliane Tatsch; KLEINUBING, Raquel Einloft; CORTES, Laura Ferreira. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 70, nº 2, p. 443-448, mar./abr. 2017.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MENDONÇA, Iolanda; GOMES, Maria de Fátima. Grupo Focal como Técnica de Investigação Qualitativa na Pesquisa em Educação. *Investigação Qualitativa em Educação*

NICARETTA, Elisângela Isabel. Problematizando Educação, Matemática (s) e tecnologias numa prática pedagógica no Ensino Fundamental. 2013. 149p. Dissertação - Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas. Centro Universitário UNIVATES. Lajeado. Rio Grande do Sul, 2013.

PARAÍSO, Marlucy. Alves.; MEYER, Dagmar. Estermann. **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.

RIBEIRO, José Luís Duarte; MILAN, Gabriel Sperandio. **Entrevistas Individuais: teoria e aplicações**. Porto Alegre: FEENG/UFRGS, 2004.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Fotografias em discurso: as funções da escola em foco. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, vol. 27, nº 1, p. 133-150, jan./abr. 2019.

SCHWERTNER. Suzana Feldens; MUNHOZ. Angélica Vier. **Imagens da Escola e suas funções na contemporaneidade: o discurso de estudantes concluintes do Ensino Médio**. *Imagens da Educação*, v. 7, n. 1, p. 58-69, 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v7i1.30285>. Acessado em 03 jul. 2018.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político**. *Opin. Publica*, Campinas, v.7, n.1, p.1-15, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762001000100001. Acesso: 06 ago. 2018.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 32, nº 2, p. 241-260, 2006.

ZANON, Rosana. **Educação Matemática, Formas de vida e Alunos Investigadores: Um estudo na Perspectiva da Etnomatemática**. 2013. 120p. Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas. Centro Universitário UNIVATES. Lajeado. Rio Grande do Sul, 2013.